



CARTILHA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



GINGA



CARTILHA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

GINGA

Instituto
AGÔ



Por uma educação antirracista dentro e fora da sala de aula

Você sabia que o racismo é uma ideologia construída historicamente e atualizada no cotidiano?

Pois bem, esse é o mote desta conversa que iniciamos por aqui e que gostaríamos que levasse consigo sempre. O sistema ideológico recebe o nome de racismo estrutural e se trata da pactuação de uma série de práticas institucionais, culturais, históricas e interpessoais numa sociedade que constantemente possibilita a um grupo social ou étnico uma posição melhor para obter sucesso. Num contraponto, prejudica outros grupos, de modo consciente, consistente e constante, provocando desigualdades que se desenvolvem, ao longo de um período, causando profundos danos à sociedade.

Construímos uma cartilha que vai ajudar você a identificar e a desconstruir algumas posturas racistas e a desenvolver, educadora e educador, um senso crítico mais apurado, para evitar que caia nas armadilhas do racismo estrutural, contribuindo com a produção de ações educativas e pedagógicas antirracistas, que podem e devem ser desenvolvidas em sala de aula, transformando resultados e indicadores educacionais.

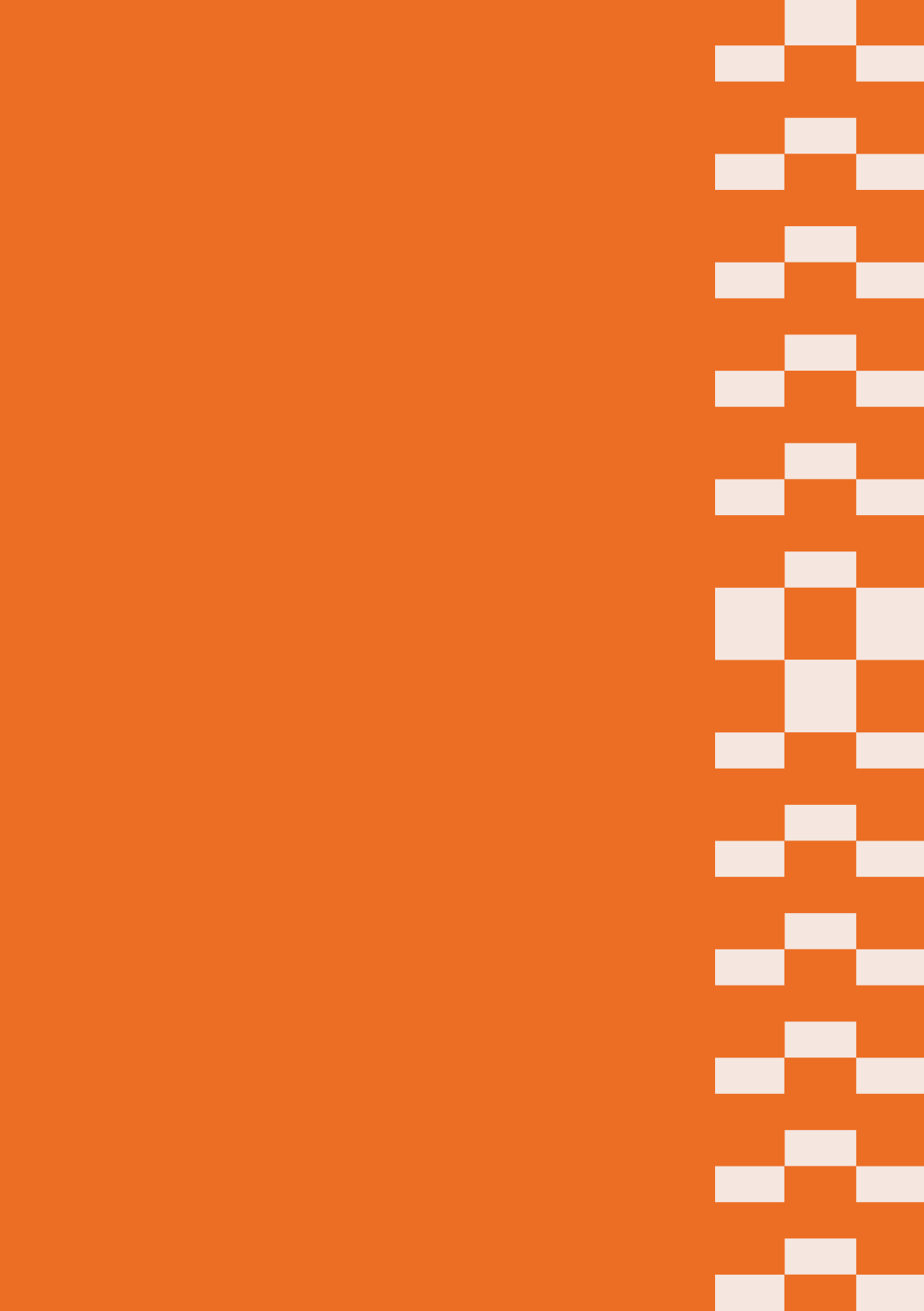
A luta antirracista precisa ser construída por muitas mãos. Todas as estratégias que estão ao alcance precisam ser utilizadas para que possamos compreender a importância das atitudes antirracistas na prática pedagógica, refletir sobre a igualdade racial no ambiente escolar e reconhecer as contribuições do povo negro e indígena na sociedade brasileira. Portanto, há muito trabalho a ser feito por cada uma / um de nós, com foco nas/nos estudantes por nós atendidos(as).

Os verbetes, os signos e as expressões aqui apresentados têm sido utilizados ao longo dos anos em vários ambientes e em diver-

soos contextos da vida em sociedade. Não raras vezes, as pessoas os repetem sem que reflitam sobre sua origem ou real significado, mas a Educação deve exercer seu papel de atuar na luta antirracista contribuindo com tal reflexão, uma vez que se pauta por construir um mundo melhor para vivermos. Dentre os aparentes elogios, descuidos, apelidos, mazelas, sutilezas, falsas brincadeiras e muitos mal-entendidos, a violência simbólica, que se ancora semanticamente no processo escravocrata, ampliando-se quando expressões como essas são repetidas. Logo, não contribua com seu uso e corte a corrente dessa violência!

A revelação da origem racista que existe por trás das expressões, termos e signos pejorativos, racistas e discriminatórios, não acaba com o racismo em si, mas, ao propor o que aqui fazemos, iniciamos um processo de rompimento e de desnaturalização das práticas advindas dessa ideologia. Rever o discurso usado diuturnamente é um dos caminhos possíveis para uma educação antirracista e de mudança do imaginário social sobre o papel da comunidade negra na constituição e na construção do país.

Uma educação exclusivamente voltada para o aprendizado da técnica, pautada pela apropriação dos conhecimentos técnico-científicos ou para a "formação da consciência" apenas pouco contribui para o desenvolvimento do sentido de humanidade, conforme preconiza Adorno (1995) em seus escritos sobre educação. Há que se propiciar uma experiência formativa voltada para a emancipação da humanidade do jugo de uma razão tecnicista e instrumental. Repensar o currículo, nesse sentido, pressupõe trazer às(aos) docentes experiências de práticas educativas emancipadoras, ativas, que auxiliem a escola e as/os docentes no movimento de repensar o seu papel profissional e, principalmente, as práticas educacionais desenvolvidas.





DISCRIMINAÇÃO

Significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências, as quais são baseadas em conceitos construídos sobre raça, cor, origem nacional ou étnica, que tenham como objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condições de igualdade, dos direitos humanos e da liberdade fundamentais de um indivíduo ou um dado grupo, no domínio político, social, cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública.

Existem diversas maneiras de discriminar: evitação, subestimação, rejeição verbal (piada, brincadeira, injúria), agressão ou violência física, segregação espacial, e tratamento desigual.

ESTEREÓTIPO

Pode ser definido como uma tendência à padronização, com a eliminação das qualidades individuais e das diferenças, com ausência total do espírito crítico nas opiniões sustentadas. Outra definição reconhece o estereótipo como “um modelo rígido e anônimo, a partir do qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos” (Munanga, 2005).

A convicção nos estereótipos pode produzir comportamentos que os reforcem, pois reafirma para os indivíduos insuficiências ou incapacidades que não são naturais, mas que provocam efeitos negativos, quando consideramos aspectos como autoestima, autoconfiança, desenvolvimento cognitivo e capacidade de aprendizado, sobretudo de crianças e jovens.

Conceitos de raça e racismo

Para compreendermos esses dois conceitos, nos reportamos a processos históricos. A palavra "raça", por exemplo, vem de um uso científico e biológico e a forma como se refere ao ser humano veio

mudando ao longo do tempo. A palavra "racismo" é utilizada como denúncia de um sistema, uma doutrina que foi sendo construída durante muitos séculos.

RAÇA

O conceito de raça nada tem de biológico. Ele é carregado de concepções, pois esconde uma situação não proclamada: a relação de poder e de dominação.

No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental para separar as chamadas raças humanas. Naquela época, a ciência dividiu a espécie humana em três raças: branca, negra e amarela. No século XIX, acrescentaram-se ao critério da cor outros critérios morfológicos, como a forma do nariz, dos lábios, do queixo, do crânio, o ângulo facial e etc. para aperfeiçoar a classificação.

No século XX, a partir de pesquisas genéticas, soubemos que a cor da pele é definida pela concentração de melanina e, após as pesquisas com o DNA, descobriu-se que menos de 1% dos genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo é implicado na transmissão da cor da pele, dos olhos e dos cabelos. Por isso, povos distantes, como os negros da África e os autóctones da Austrália, possuem pele escura, uma vez que há concentração da melanina. Todavia, não são, no aspecto genético, parentes próximos. As pesquisas comparativas levaram à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes a uma mesma raça podem ser mais distantes que os pertencentes a raças diferentes.

Se os cientistas dos séculos passados tivessem limitado seus trabalhos à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas, como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas ra-

ças. E o fizeram inventando uma relação direta entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca” foram colocados como superiores àqueles da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias. Tudo isso corroborado pela Igreja Católica, que apoiou “em grande medida” essa pseudociência, que foi utilizada para a opressão de vários povos a partir do processo de expansão marítima europeia.

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas (uma superior à outra) desembocou numa teoria pseudocientífica, a raciologia, que ganhou muito espaço no século xx. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário que científico, pois seu discurso serviu para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois, foram recuperados pelos nacionalismos e pelo nazismo para legitimar os diversos extermínios que causaram à humanidade durante a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, o conceito de “raça” ainda é usado popularmente em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Esses, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da diferenciação racial, justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando o termo como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão.

O conceito de raça perpassa a história em permanente atualização, de acordo com os interesses vigentes, que se atualizam constantemente. Ou seja, não estamos fazendo referência ao período colonial ou pós-colonial. As questões raciais estão em emergência nas grandes disputas internacionais, nos pilares das desigualdades sociais, nos conflitos de segurança pública e nas crises das emergências climáticas, dentre outras.

RACISMO

O racismo é uma doutrina que considera que as características intelectuais e morais de um dado grupo são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, no seu imaginário. Raça não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos, mas um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos e etc. que ele considera naturalmente inferior ao grupo ao qual pertence.

Embora a noção de raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer o racismo atual. Enquanto o racismo clássico se alimenta da noção de raça, o racismo novo se alimenta da noção de etnia, a qual é definida como um grupo cultural. Estamos entrando no novo milênio com outra forma de racismo: aquele construído com base nas diferenças culturais e identitárias.

O discurso insistente, que proclama "somos todos iguais, pois não existem raças humanas" ou até mesmo aquele que diz que todos sofrem racismo (como se o branco também fosse vítima do racismo), pode tentar apagar e/ou esconder todo um movimento histórico de violência contra povos tratados como inferiores no sistema racista clássico, os quais permanecem (nas bases da pirâmide social) tendo acesso desigual às oportunidades e aos direitos.

RACISMO E ESTRUTURAL

O racismo estrutural, conceito desenvolvido por Silvio Almeida, nos instiga a refletir como o racismo está na estrutura social, política e econômica da sociedade brasileira. É um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas presentes no dia a dia da população que reproduz, mesmo que sem a intenção, o preconceito racial. O racismo estrutural tende a ser tão naturalizado que, muitas vezes, se confunde com costumes, brincadeiras e/ou opiniões. A questão é que ele perpetua hierarquias, práticas e lógicas que estratificam a sociedade e

comprometem significativamente os indivíduos considerados inferiores em decorrência de características atribuídas a sua raça/cor.

A educação antirracista é uma ferramenta essencial para a construção de novas práticas e novos repertórios, que reconheçam os indivíduos a partir de uma leitura crítica dos contextos e realidades sociais. O reconhecimento das diferenças pode possibilitar o desenvolvimento de relações que respeitem as diversidades de conhecimentos, ideias, atitudes, dificuldades e potencialidades, criando ambientes promissores ao desenvolvimento individual e coletivo, pessoal e comunitário. É a educação transformando as estruturas sociais!

FACTO DA BRANQUITUDE

Em seu livro *O pacto da branquitude*, a psicóloga Cida Bento explica como as relações de raça no Brasil são pautadas de maneira a definir o grupo certo e o errado e como isso atravessa a cultura, mesmo que de maneira inconsciente, fazendo com que aceitemos como natural, por exemplo, que pretos e pardos sejam alvos predominantes nas abordagens policiais, mas sejam sub-representados em cargos de liderança, apesar de representarem a maioria da população brasileira.

“Esses lugares de alta liderança são quase exclusivamente masculinos e brancos [...]. Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro”, ela explica.

O pacto da branquitude organiza hierarquicamente as pessoas a partir da raça, atribuindo às pessoas negras um lugar subalternizado na estrutura social, normalizando o racismo e amplificando as desigualdades sociais.

Este conceito é importante para auxiliar as pessoas não negras a racializarem a sua experiência, ampliando a compreensão de si no mundo e contribuindo, efetivamente, para o enfrentamento ao

racismo em nossa sociedade. A busca está em contribuir para que as pessoas brancas reconheçam seu papel na manutenção das estruturas de reprodução das desigualdades raciais a partir de análise psicossocial da racialidade.

PANGEIA

A teoria de Pangeia explica que todos os continentes do planeta já estiveram unidos num único continente, chamado Pangeia, palavra de origem grega: *pan* (todo) e *gea* (terra). Também conhecida pelo nome de supercontinente, essa massa de terra continental era banhada por apenas um oceano, que era o Pantalassa. A Pangeia formou-se até o final do chamado período Permiano, que foi entre 300 a 250 milhões de anos atrás, época em que foi dividida em continentes, tal como se conhece hoje.

A chamada teoria da deriva continental, proposta por Alfred Wegener no século xx, foi a responsável por descrever a separação dos continentes e apresentou explicações que indicavam que muitas paisagens que existiam na América do Sul, Antártida, África, Índia e Austrália tinham continuidade, ou seja, era como se esses continentes tivessem sido, em algum momento, interligados, tendo provas geomorfológicas e paleoclimáticas indicando isso. Além do que, Wegener teria encontrado fósseis de répteis e de plantas similares nesses locais.

Temos uma origem comum, e as diferenças que nos constituem foram hierarquizadas para justificar dominações e expansões territoriais, com interesses econômicos. O preconceito é uma ferramenta de dominação e o conhecimento é um recurso essencial para que possamos nos reconhecer enquanto humanidade, respeitando o que nos distingue e identificando o que pode ser comum a todos nós.

PRECONCEITO

As diferenças percebidas entre “nós” e os “outros” constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos e de práticas de discriminação, como também para a construção das ideologias decorrentes de tais diferenças.

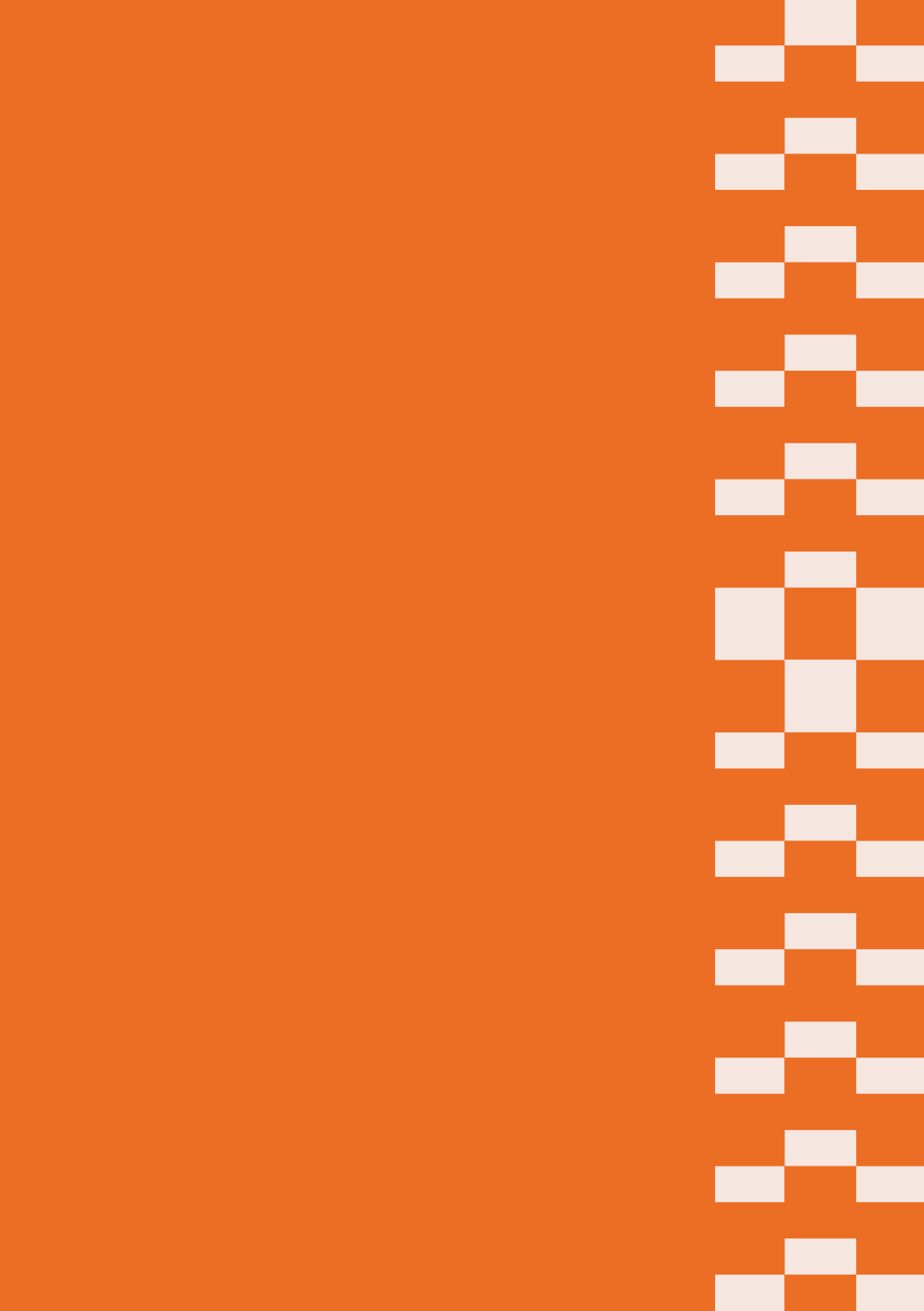
Com efeito, no seio de uma sociedade como é a brasileira, há considerável diversidade, por exemplo, quanto a classes sociais, comunidades religiosas existentes, etnias, gêneros e culturas, nos mais diversos pontos do país. Em alguns países, há comunidades linguísticas diferentes, assim, o adjetivo pátrio não é o bastante para caracterizar um povo. Cada uma dessas diferenças pode engendrar preconceito, discriminação e uma formação ideológica decorrente, quando há a intenção de separar algo ou alguém dando a um dado grupo características que o desvalorizem, menosprezem, ou retirem dele oportunidades, direitos e conquistas, muitas vezes, na intenção de que haja um apagamento de sua história, cultura e representatividade.

De acordo com o que vemos ocorrer em nossa sociedade, podemos fazer a leitura de que o preconceito seja uma opinião preestabelecida, imposta pelo meio, época e educação a qual se teve ou tem acesso. Ele pode ser definido como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas, as quais são estigmatizadas por estereótipos. Explicitando melhor, os preconceitos de classe, religião, gênero, sexo, idade, nacionalidade, “raça”, etnia, cultura, língua, condição sexual e etc. são atitudes que existem “na cabeça das pessoas” ou dos grupos de pessoas. Tais atitudes são introduzidas por meio dos mecanismos educativos. Invisíveis, elas podem ser traduzidas em opiniões verbalizadas, na forma de expressões depreciativas, desdenhosas, ultrajantes ou difamatórias, ainda que pareçam inofensivas, dado que passam a pertencer ao senso comum. Os preconceitos possuem em germe as condições necessárias ao nascimento da discriminação e à perpetuação das desigualdades sociais.

PROTAGONISMO JUVENIL

Protagonismo é o processo de protagonizar, ser e saber-se sujeito das ações, capaz de atuar sobre si e intervir ativamente em sua comunidade. O protagonismo juvenil é uma concepção pedagógica que coloca o jovem na centralidade do seu processo educativo, dentro e para além do ambiente escolar.

De acordo com o educador mineiro Antônio Carlos Gomes da Costa, o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas nos espaços dos quais e participam: espaço na igreja, nas associações comunitárias e até mesmo na sociedade, por meio de campanhas e movimentos.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **O racismo na História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

MIRANDA, Monique. **Classificação de raça, cor e etnia**: conceitos, terminologia e métodos utilizados nas ciências da saúde no Brasil no período de 2000 a 2009. Rio de Janeiro: s.n., 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - RJ, 05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

PIMENTEL J. **PNAD Contínua traça panorama do emprego no Brasil em 2014 e aponta diferenças regionais**. Acesso em 09 de Agosto de 2020.

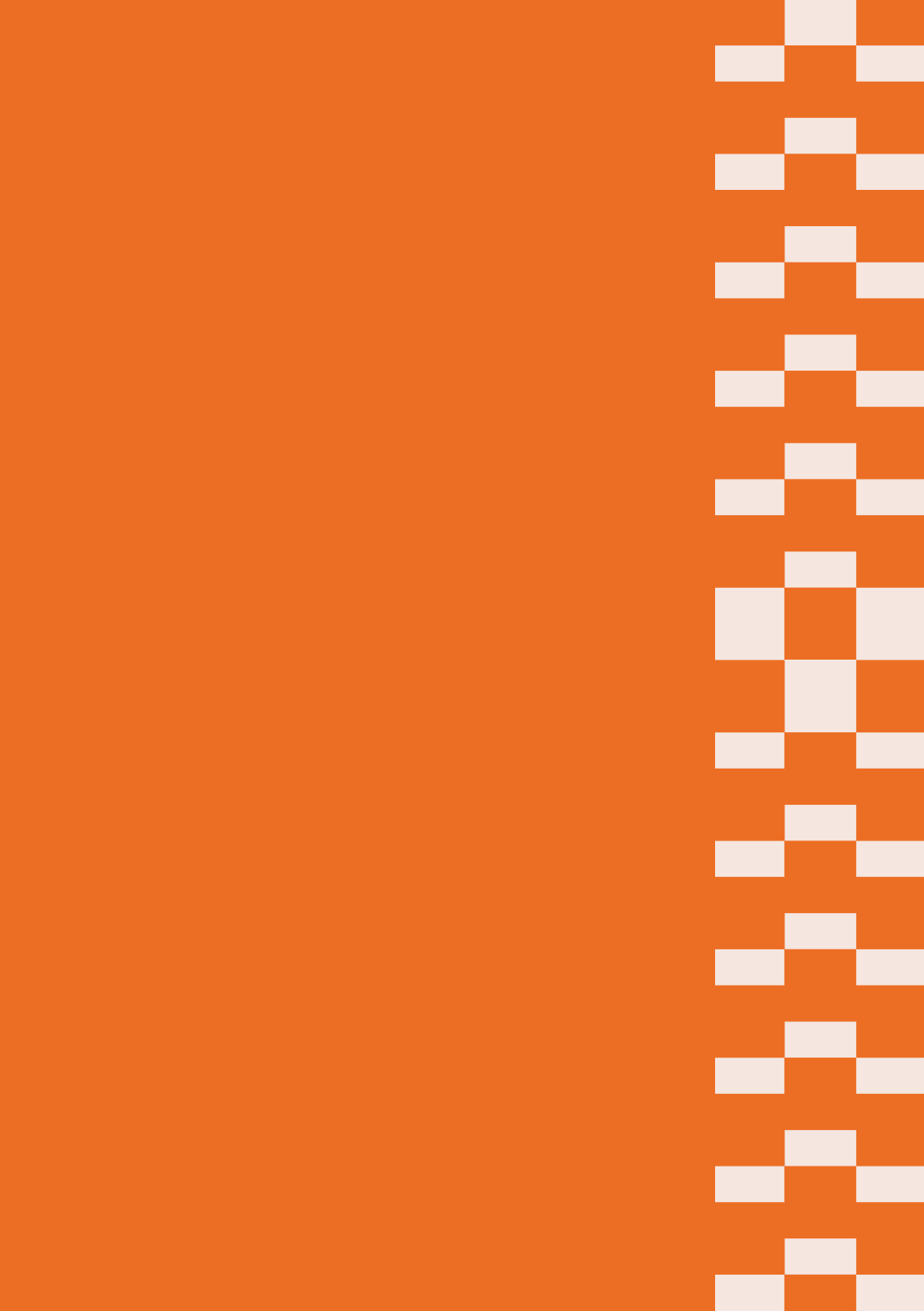
RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

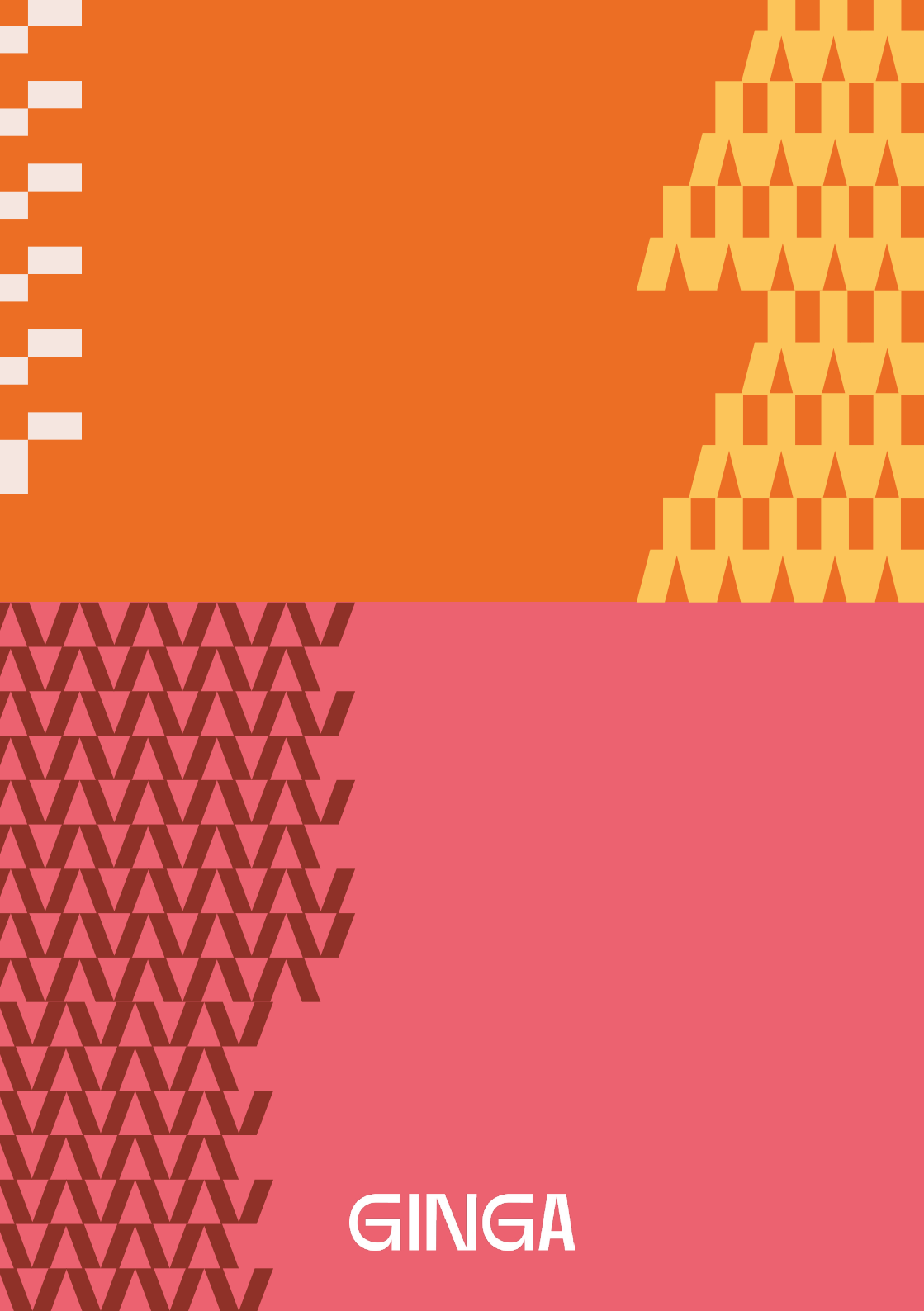
SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHRYSTAL, Méndez Acesso pelo link <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>. em 13 de Setembro de 2020.

Acesso ao <https://www.vagas.com.br/profissoes/frases-racistas/> em 25 de Setembro de 2020

Acesso ao <https://conceito.de/pangeia/> em 31 de março de 2025





GINGA